

RESENHA CRÍTICA:

XAVIER, Antonio Carlos e CORTEZ, Suzana. (orgs.). *Conversas com lingüistas virtudes e controvérsias da lingüística*. 2ª. impr. Rio de Janeiro: Parábola, 2005. 199p.

Marineide Furtado Campos
 CCHLA/UFRN

VISÕES PLURAIS

“Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística”, obra publicada pela Editora Parábola, reúne definições referentes à língua, à lingüística, à linguagem, pensamento, cultura, ciência, o compromisso com a educação, a pós-modernidade e os desafios da lingüística no século XXI.

No que se refere à definição da língua, Bernadete Abaurre a ver como um sistema estruturado que, por situar-se no âmbito da linguagem, apresenta constante instabilidade e mutabilidade [...]. Já Eleonora Albano diz que a língua vai constituir as unidades que compõem a fala e os seus significantes. Borges Neto, por sua vez, utiliza-se do pensamento de Bloomfield, em que a língua é vista como um conjunto de enunciados que pode ser produzido por uma comunidade de fala, no entanto, observa, pessoalmente, que definir o que é língua, irá depender do tipo de enfoque que se dê e acrescenta que essa é uma noção que envolve questões de identidade de grupos. Ataliba de Castilho apela para Charles Morris que mostra a possibilidade de definir a língua a partir do signo, delimitando os campos dos estudos lingüísticos. Ressalta que a língua é multissistêmica e governada por um dispositivo sociocognitivo, entendido como dispositivo pré-verbal. José Luiz Fiorin considera a língua como um sistema ordenado com vistas à expressão do pensamento [...] e a condensação de um homem historicamente ordenado. João Wanderley Geraldi a considera o produto de um trabalho social e histórico de uma comunicada, pois se trata de uma sistematização sempre em aberto.

Na reflexão de Francisco Gomes de Matos, a língua é um sistema de comunicação intra/interpessoal e intra/intercultural, compartilhado e usado por membros de uma ou mais comunidades, a través de suas variedades individual, geográfica e social. Em contrapartida, Mary Kato tem duas visões de língua, uma chomskiana, que é o conhecimento que o individuo tem da qual subjaz o conceito de gramática universal e a língua externalizada vista no corpus da fala, nos jornais e em tudo que o homem produz. Na percepção de Ingedore Koch, a língua é um sistema, uma prática social num conjunto inter-relacionado de elementos em vários níveis, sejam eles fonológicos, morfológicos ou sintáticos. Marcuschi, por sua vez, a entende como uma atividade e não um sistema ou

forma; e ainda, como um *domínio público de construção simbólica e interativa do mundo* [...]. Diz, ainda, que ela se manifesta como uma atividade social e histórica com finalidade cognitiva, para dar a entender ou construir algum sentido.

Cecília Mollica retoma a finalidade cognitiva da língua, que faculta as habilidades de construir, transmitir, receber e interpretar mensagens com conteúdos de sentido, de modo a capacitar os ouvintes e surdos a pensar, raciocinar, sentir, sonhar, lembrar, etc., e assim processar outras ações sócio-interacionais. Diana Luz Pessoa de Barros faz referência a Saussure, quando define a língua como o que é sistemático e social entre os fatos da linguagem. Já Sírio Possenti mostra a língua como um sistema submetido a problemas, a violações e a uma estreita conexão com o exterior, que seleciona fatores muito peculiares para funcionar.

Kanavilli Rajagopalan não consegue responder o que é língua, pois diz que não adianta defini-la através de reducionismos, uma vez que, para ele, língua é algo muito maior. Em seguida, Margarida Salomão vê uma tensão entre língua e linguagem, não chegando a um conceito de língua, reforçando a condição da linguagem como definidora da humanidade com o *status* do ser humano. Dando continuidade à discussão, Carlos Vogt diz que a língua é um fato social, um fenômeno social por excelência e que tem características e estruturas, um todo específico.

Outro aspecto discutido entre os lingüistas citados é a relação entre língua, linguagem e sociedade. Neste sentido, Bernadete Abaurre nos diz que é no âmbito das atividades de linguagem que são próprias de sujeitos social e historicamente situados que se constituem e evoluem de forma constante os sistemas lingüísticos estruturados, ou seja, as línguas naturais e reforça que essa é uma questão que até hoje ninguém conseguiu responder de maneira satisfatória. Eleonora Albano nos informa que é importante conhecer a linguagem para entender o que está acontecendo com a gente, pois não podemos viver sem a organização social. Já Borges Neto trás a idéia oriunda do estruturalismo para distinguir língua e linguagem, explicando que linguagem seria a capacidade de comunicação oral, e as línguas seriam as formas particulares por meio das quais cada comunidade, sociedade ou grupo social realiza a linguagem. Ataliba de Castilho reforça que a relação entre sociedade, língua e linguagem se localiza na análise das condições sociais em que se encontra e vai se produzir um discurso. As relações língua e linguagem remetem ao estruturalismo em que se postulava a língua como um código abstrato e as utilizações concretas desse código como a fala.

Na oportunidade, José Luiz Fiorin, nos mostra que a língua é uma maneira particular pela qual a linguagem se apresenta com a faculdade de construir mundos, concretizando uma experiência humana, enquanto Geraldi ressalta que sem sociedade não há linguagem, por isso, a língua emerge como parte do processo de construção da sociedade, que permite a construção do pensamento, que também produz discursos. Francisco Gomes de Matos, ao mostrar a relação entre língua, linguagem e sociedade, prefere, inicialmente, definir linguagem como um sistema cognitivo, do qual pode resultar a aquisição de uma ou várias línguas. A sociedade é um sistema de organização humana, compartilhado por uma comunidade, sendo, portanto, beneficiária dos usos das línguas.

Já Rodolfo Ilari reforça que [...] tudo que temos em matéria de língua passou pelo crivo da sociedade, enquanto que tudo o que é dominação numa sociedade é feito por intermédio da linguagem que também se faz presente na democracia e no fazer pedagógico. Mary Kato, ao responder a questão, revela que o uso da língua é social e que é a sociedade que vai preservá-la, não deixando clara a relação entre língua, linguagem e sociedade, pois, para ela, o termo linguagem é muito genérico e depende de como cada um a define.

Ingedore Koch, ao fazer a relação entre língua, linguagem e sociedade, revela que a linguagem é a capacidade do ser humano de se expressar através de um conjunto de signos, já a língua se configura dentro do meio social, lugar de interação entre os

membros de uma sociedade e é na sociedade que se constituem as formas lingüísticas e todas as maneiras de falar que existem numa determinada sincronia.

Marcuschi, por sua vez, diz que a relação entre língua e sociedade se dá pela cultura e pela situação em que as pessoas vivem e por aquilo que elas querem fazer por processos de interação entre elas.

Cecília Mollica vê uma relação triádica entre língua, linguagem e sociedade, em que o termo linguagem aponta para uma concepção que supõe a utilização de competências verbais em plenitude; enquanto a língua sinaliza para a comunicação que se vincula socialmente. Sírio Possenti diz que a relação língua, linguagem e sociedade passam pelo contexto, como efeito de uma estrutura social amplamente organizada. Elas têm história, condição de produção que se dá num jogo de significações que pode ou não ser dito. Enquanto Margarida Salomão vê uma relação indissociável entre língua, linguagem e sociedade, uma vez que a língua é a produção da capacidade de linguagem; uma produção histórica, socialmente demarcada pela capacidade de relação com o mundo.

Levantando a possibilidade de haver vínculos entre língua, pensamento e cultura, Bernadete Abaurre diz que a cultura e os pensamentos sofrem forte influência da linguagem e nela se refletem no âmbito cognitivo do mundo e da realidade em que vivemos. E essa noção é repensada por Borges Neto quando mostra que não há linguagem sem pensamento, nem pensamento sem linguagem, pois a linguagem é um meio de construção, modificação e transmissão de cultura através da língua. José Luiz Fiorin retoma a posição de Abaurre, lembrando que não existe pensamento humano sem linguagem. Mas, para ele, o aspecto cultural é evidente. Não existe cultura sem língua, pois a língua é o que propicia a construção da cultura. Wanderley Geraldi ressalta que os estudos da linguagem, da língua, do pensamento e da cultura não podem distanciar-se, sob pena de excluir elementos que lhes são próprios. Gomes de Matos, por sua vez, retoma a relação cognição e sociedade, pois ambos estão imbricadas na linguagem, daí ser necessário mantê-las e/ou transformá-las.

Dando continuidade à questão, Ingedore Koch afirma que sociedade e cultura se imbricam necessariamente, da mesma forma que a língua é o lugar de interação no interior da cultura em que se vive. Comungando do mesmo pensamento, Marcuschi confirma os vínculos existentes entre língua e cultura, mostrando que isso também passa pela interação com o meio. Cecília Mollica, por sua vez, ressalta que não se pode pensar numa relação perfeita entre língua, pensamento e cultura, porque se devem respeitar os traços distintivos entre eles. Já Diana de Barros confirma que a língua está relacionada com a sociedade e a cultura, que por sua vez vai se liga aos mecanismos de cognição. Seguindo um outro parâmetro, Margarida Salomão revela que a cultura se relaciona com a linguagem, que instrumentaliza o pensamento como base do conhecimento lingüístico. Carlos Vogt apela para a lingüística chomskiana em que o pensamento precede a linguagem e as estruturas lógicas é que determinam as estruturas lingüísticas, de maneira que a diversidade lingüística esconde estruturas universais que se mantém iguais para todas as culturas.

Outro ponto discutido diz respeito à questão da existência de um sujeito na linguagem. Com relação a isso, Bernadete Abaurre nos informa que é através do exercício da linguagem que damos forma as experiências e as individualizamos e com elas se definem as identidades. Borges Neto nos diz a questão “A linguagem tem sujeito” depende do que consideramos sujeito e/ou linguagem. Ela é socialmente adquirida e constituída, o que se pode dizer é que a medida que adquirimos linguagem também adquirimos identidade como cidadãos ou mesmo como indivíduos.

Para Ataliba de Castilho, o sujeito é o ponto inicial na instauração da língua, considerando aí o espaço, o tempo e a pessoa. Carlos Faraco, por sua vez, acredita que somos fundamentalmente seres de linguagem com múltiplas vozes e múltiplas relações,

por isso a linguagem tem sujeito. Respondendo a questão, Fiorin explicita que o sujeito da linguagem é uma formação social com todas as suas contradições. Já Wanderley Geraldi expõe que “a linguagem tem sujeito” do ponto de vista de ser plural, heterogênea, mutante do sujeito; ela tem sujeito porque a constitui, mas o sujeito só é sujeito porque tem linguagem.

Na opinião de Ingedore Koch, “a linguagem tem sujeito”, mas não é aquele sujeito individualista, criador de tudo, como disse Bakhtin, é o sujeito social que está sujeito às determinações do meio social em que vive, dando uma configuração ao seu discurso. Para Marcuschi, o sujeito se instala na linguagem, ele surge, é constituído, é operado. É uma construção muito complexa dentro de uma cultura. É construído pela língua, com a língua, na língua, mas nunca fora do indivíduo que interage com ela. Diana de Barros nos diz que o sujeito se dilui no social e escolhe como construir seu discurso. Acompanhando o pensamento de Barros, Sírio Possenti reforça que a linguagem é mobilizada por um sujeito que move o discurso. Dando continuidade as colocações anteriores, Margarida Salomão mostra que o sujeito é um tem sua complexidade como agente social que tem que se ser compreendido na sua multiplicidade.

No que se refere ao conceito de Lingüística, Bernadete Abaurre a define como um campo de estudo muito amplo associado à ciência da linguagem, que acomoda diversos temas a respeito da linguagem e das ciências naturais. Para Eleonora Albano, a lingüística é o conhecimento da linguagem que se quer científico e que está sempre entrelaçado com as formas de saber da linguagem. José Luiz Fiorin apela para um conceito mais amplo e nele coloca componentes estruturadores da linguagem como a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. Quer dizer, para ele, qualquer tipo de abordagem da linguagem humana é lingüístico. Marcuschi acompanha o pensamento de Fiorin enquanto Gomes de Matos diz que a lingüística é a ciência que se ocupa do processo da linguagem em suas múltiplas representações, seja na linguagem escrita, falada, gestual, descrevendo suas origens, estrutura, funcionamento e efeitos de uso. Já Ingedore Koch nos diz que a lingüística é a ciência que estuda a maneira como uma língua é posta em prática na sociedade.

Na oportunidade, Cecília Mollica afirma que a lingüística é o estudo da história das línguas como também é uma área de conhecimento que se ocupa de uma gama de questões relacionadas à origem, à natureza e à função da linguagem humana. Enquanto que para Margarida Salomão, lingüística é a reflexão sobre a linguagem originária do trabalho de Saussure. É um campo interdisciplinar, discursivo e de domínio social. Em Carlos Vogt, vimos que a lingüística é um estudo fantástico que permite a um indivíduo a análise de uma série de sinais acústicos, gráficos para associar a eles um significado.

Sobre a questão: A lingüística é Ciência? Abaurre nos informa que a disciplina define um amplo campo de investigação sobre a linguagem numa abordagem científica estrita. Já Ataliba de Castilho diz que a lingüística é ciência enquanto escolhe um ponto de vista, um assunto, uma metodologia, uma hipótese e um dado a trabalhar, e enfatiza que a reflexão sobre as línguas naturais não tem fim. Se isso é ciência. A lingüística é ciência. Para Wanderley Geraldi, a lingüística é uma ciência, uma prática social como qualquer outra que produz saberes organizados ou organiza saberes preexistentes. Esses saberes são produtos das práticas e não somente produtos da reflexão ou da aplicação metódica de instrumentos.

Para Gomes de Matos, não há dúvida de que a lingüística é uma ciência, pois ela tem um objeto próprio, uma metodologia, um método de estudos rigorosos que podem ser de natureza qualitativa e quantitativa. Ingedore Koch recorre ao estruturalismo para provar que a lingüística é ciência, uma vez que tem objeto, metodologia e terminologia próprios; por isso se tornou ciência-piloto das ciências humanas. Marcuschi, por sua vez, revela que a lingüística é uma ciência, se ela for tomada como uma investigação controlada que tem resultados, alguns deles reproduzíveis, outros não, por suas condições de produção.

Já Diana Passos nos diz que a lingüística tem um caráter científico, ao pretender descrever e explicar os fatos lingüísticos.

Segundo Sírio Possenti, há aspectos da lingüística que são científicos, por isso, são ciência, como a fonética, fonologia, certos aspectos da sintaxe e da morfologia. Enquanto que para Margarida Salomão, o compromisso empírico e investigativo da lingüística a caracteriza como ciência. Na observação de Carlos Vogt, a lingüística é uma ciência altamente desenvolvida com um objeto definido, metodologias, com um aparato teórico constituído de níveis de experimentalismo, que depende diversas áreas.

Continuando as conversas, discuti-se “Para que serve a lingüística?”; e, nesta perspectiva, Eleonora Albano nos diz que ela serve para refletir sobre formas e desenvolver novas linguagens. Para revolucionar os métodos de ensino. Na visão de Ataliba de Castilho se fala que a lingüística serve para fundamentar o ensino e refletir continuamente sobre o que é a língua, quais suas manifestações, que categorias há por trás disto; como entender os meios de comunicação; de que modo a interação repercute nas formas da língua e levar o individuo a refletir sobre as coisas.

Segundo José Luiz Fiorin a lingüística serve para conhecer o homem por meio da linguagem; já João Wanderley Geraldi nos indica que a lingüística serve para estudar os fenômenos da linguagem, afasia, relações de discurso e poder, ampliando-se o campo da ciência lingüística. Francisco Gomes de Matos, por sua vez, fala que ela serve para ajudar os usuários a compreender a comunicação humana, a identificarem e resolver problemas comunicativos de maneira construtiva e pacífica. Para Rodolfo Ilari, ela serve para criar as condições para uma escola mais tranqüila, alegre e voltada para a cidadania, para mostrar que a escrita contém uma análise da língua. Mary Kato entende que ela serve para compreender a interação humana através da língua. Ingedore Koch se reporta para o estudo da comparação entre línguas, o estudo de textos, e os gêneros que permeiam as práticas sociais.

Marcuschi vê que ela serve para compreendermos de que forma somos seres humanos, como interagimos, como chegamos a entender este mundo e de que forma a realidade é sentida e reproduzida pelas pessoas. Diana Barros nos diz que serve para aumentar o nosso conhecimento sobre o homem e estudar os discursos da língua. Sírio Possenti se reporta ao estudo da linguagem humana e, finalizando, Margarida Salomão aponta para a possibilidade de se entender melhor o processo da educação, na medida em que oferece informações sobre a linguagem. Ela quer ser uma interpelação humana sobre o que sejam os seres humanos como usuários da linguagem.

Tratando-se “a lingüística teria algum compromisso necessário com a educação”; Bernadete Abaurre nos diz que, ela tem esse compromisso nos termos das competências que o individuo precisa desenvolver, na forma de gêneros discursivos, em que ela se manifesta nas mais variadas situações de interlocução oral ou escrita, na sala de aula, no ensino da língua materna. Para Ataliba de Castilho interpreta que ela deve intervir no ensino, mostrando que tudo tem uma utilidade prática. Carlos Faraco já diz que a lingüística tem compromisso com a educação como participe de uma mediação entre problemas que a prática educacional apresenta, e a criação de propostas alternativas para esses problemas.

Em José Luiz Fiorin, vimos que o compromisso dela é educar para a cidadania, educar para a democracia, mostrando que existe um respeito à diferença e à diversidade. Para João Wanderley Geraldi, o compromisso vai desde a elaboração de material didático mais adequado à aprendizagem de línguas estrangeira ou materna, até uma compreensão mais filosófica da subjetividade, da própria sociedade e da história. Corroborando com o mesmo pensamento, Gomes de Matos reforça que toda a ciência deveria prestar serviço à educação, valendo-se de conceitos, princípios e resultados de pesquisas. Enquanto Rodolfo Ilari expõe que a lingüística contribuiu para criar as

condições para uma escola mais tranqüila, mais alegre e mais voltada para a cidadania, para não reforçar o preconceito lingüístico.

Segundo Mary Kato, a lingüística pode contribuir para as áreas da língua, dando assessoria à educação. Acompanha o pensamento de Mary Kato, Mollica e Margarida Salomão, falando em termos de assessoria a áreas afins, serviços à sociedade, de maneira que se possa pensar a educação de forma criativa e transformadora e na medida em que o conhecimento que se pratica na escola passe tão inevitavelmente pela linguagem, o entendimento do fenômeno da linguagem pelos educadores vai capacitá-los a agir melhor.

Já Koch nos mostra que, ela pode contribuir do ponto de vista do texto; fazendo aquilo que os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) recomendam. Para Marcuschi, o grande compromisso da lingüística é desenvolver conhecimentos, na educação, em termos de ensino de língua; para entender a educação em todas as formas de formação ou de construção do conhecimento nas pessoas; na alfabetização, no domínio da língua em todos os sentidos. Para Vogt, todas as ciências têm um compromisso com a educação; a lingüística, por causa do domínio da expressão, do domínio verbal, da organização estruturada do pensamento, da expressão estruturada, das inter-relações.

Respondendo a questão “como a lingüística se insere na pós-modernidade?” Abaurre nos diz que a lingüística se insere na pós-modernidade pela busca pela transdisciplinaridade, interdisciplinaridade; pelo fazer lingüístico, pela prática da reflexão da lingüística. Da mesma forma pensa Francisco Gomes de Matos, mostrando que ela se insere pela transdisciplinaridade, interagindo com outras áreas como ecologia, direitos humanos, pedagogia crítica, etc e Mollica nos diz que ela se insere abrindo-se à pluralidade discursiva.

Já Eleonora Albano ressalta que ela se insere na pós-modernidade pela pluralidade de pontos de vista e de seus métodos. Borges Neto vê sua inserção como ciência do pensamento e Ataliba de Castilho nos dizem que ela se fará inserir na pós-modernidade pelo campo da lingüística cognitiva.

Para Carlos Alberto Faraco, a Lingüística é um projeto da modernidade, tem objeto autônomo e científico e Mary Kato nos diz que ela vai se inserir na pós-modernidade, acompanhando todas as mudanças sociais nas questões de gênero, produção da linguagem, a evolução humana.

Segundo Marcuschi, a lingüística se insere como uma forma de pensar, não como um fenômeno estritamente lógico, que busca a lógica; ela dialoga com todas as ciências, mas ela se desgarrar com facilidade destes controles. Rajagopalan diz que ela não se insere, a lingüística está entrando na era da interdisciplinaridade e até mesmo na transdisciplinaridade. Em Margarida Salomão, vimos que ela é o resíduo da razão com uma produção muito densa; sendo referência para discutir política, educação e cultura.

Com relação aos desafios para a lingüística no século XXI, Bernadete Abaurre diz que ela é um desafio para as várias teorias; para a solução de problemas sociais, a partir daquilo que a lingüística tem a dizer sobre a linguagem; para a construção de relacionamentos melhores e mais justos, apesar das muitas diferenças socioculturais que caracterizam os espaços de convivência do homem com o poder da linguagem. Para Eleonora Albano o desafio é a pluralidade, enquanto que para Borges Neto, um dos grandes desafios é desenvolver algum tipo de análise lingüística. É descobrir como é o funcionamento da linguagem humana; como se dão as relações entre a linguagem e o cérebro. Um desafio sério é a tolerância entre os outros lingüistas e uma tolerância crítica. A tolerância com relação a outros pontos de vista excludentes, a tolerância à reação que os outros possam ter com relação ao trabalho do outro.

Na visão de Ataliba de Castilho, o grande desafio da lingüística é o aprofundamento no âmbito da descrição lingüística. Puxar a lingüística do estudo dos produtos para o estudo dos processos de criação dos produtos para atrair novos

pesquisadores. Na abordagem de Carlos Faraco, o maior desafio é cultivar a pluralidade teórica; fazer ressoar a sua voz ou as suas vozes no espaço público no que diz respeito as questões da linguagem no Brasil.

Para Fiorin, é extremamente relevante a interface da lingüística com a computação; quer dizer, só a faculdade de linguagem humana pode dar ao homem instrumentos necessários para fazer avançar essas ferramentas que a computação trouxe para o homem. Entender a faculdade de linguagem humana é entender a inteligência humana, para conhecer como se organiza o discurso humano. É esse o desafio.

Segundo Geraldi, o primeiro grande desafio será a redefinição do objeto da Lingüística, retomando a linguagem enquanto objeto e não como sistema. E, nos modos de funcionamento da linguagem; redefinir a língua, no sentido de produto sempre inacabado de um trabalho que continua sendo feito. Reforçar a língua materna é outro desafio. O terceiro e último desafio é encontrar modos de facilitar a aprendizagem de uma língua de uso geral; estudar as relações entre a língua geral e a materna e apontar políticas lingüísticas num contexto de globalização. Acompanha esse pensamento Margarida Salomão quando ressalta a necessidade de haver uma redefinição dos seus objetos mais os processos e sistemas; de obter uma teoria de *campus*, ou seja, ter princípios unificadores, que guiem a análise micro/macro, a fim de que essa reflexão possa transbordar para áreas interventivas na sociedade brasileira.

Gomes de Matos reforça que a formação dos lingüistas ao convívio com especialistas de áreas afins e distantes; à promoção da própria lingüística; ampliar o alcance de suas descrições, explicações e aprofundar a busca de implicações e aplicações dos resultados de suas investigações também é um dos desafios da Lingüística no Século XXI.

Rodolfo Ilari diz que mudar a cara do ensino da língua materna; documentar as línguas indígenas que restam; recuperar a história do português do Brasil; completar a descrição da variação geográfica do português do Brasil, já é por si só um grande desafio. Já para Koch, o desafio é continuar descrevendo as várias línguas, acompanhar todas as evoluções sociais; ver como é que cada língua se insere nas práticas sociais e se modifica através delas, bem como, descobrir como o ser humano constrói sentido.

Pensando nisso, Marcuschi diz que o maior desafio é dar conta de dois problemas: as formas de pensar e a questão ética da língua. Enquanto Diana de Barros aponta para a necessidade de dar continuidade ao trabalho de descrever e explicar o funcionamento das línguas. Complementar o conhecimento da linguagem, do homem, da sociedade, da cultura, e do Brasil, em particular.

Sirio Possenti, por sua vez, acha que o desafio são as pesquisas relativas à estrutura da língua, pesquisas formais relativas à linguagem, à psicologia, à psicolingüística, conhecer mais por dentro a linguagem, como ela funciona que regras regem a língua. Rajagopalan nos diz que o desafio é tornar o discurso sobre a lingüística, em sala de aula, mais agradável, pensar e ponderar todos os problemas. Fazer com que a lingüística se transforme numa disciplina atraente para os alunos. Em quanto Vogt ressalta que ela tem que retornar às grandes questões da história da lingüística.

Estudiosos como Eleonora Albano, Carlos Alberto Faraco, Rodolfo Ilari e Margarida Salomão não respondem se a Lingüística é ciência, mas têm um recorte dela. Sírio Possenti não define o que é lingüística, mas a percebe mais pelas divisões institucionais do que por certa imanência do objeto e reafirma que lingüístico é o que se faz nos Departamento, num certo tom de crítica. Ele não tem certeza se a lingüística tem algum compromisso necessário com a educação, e ao se referir aos Parâmetros Curriculares Nacionais, os vê como se fossem autores de enunciados, e não como proponentes de um discurso.

Rajagopalan nos convida a repensar os vínculos necessários entre língua, pensamento e cultura, distinguindo-os dentro do espaço global. Para ele, não precisa ter

mais lingüística, mas a questão da linguagem. Quando perguntado sobre o compromisso da lingüística com a educação, ele diz que um teórico que não pensa na prática é um teórico inútil, por isso, é preciso pensar verdadeiramente na educação.

De um modo geral, os lingüistas apóiam-se em diversos autores para emitir suas considerações acerca das questões, no entanto, aproveitam a oportunidade para exporem suas idéias sobre o assunto, uns de maneira clara e consistente, outros sem muita segurança no assunto, não chegando a abranger o que de fato é solicitado.

Percebe-se que há questões que não são respondidas pelos entrevistados, principalmente, no que diz respeito a ver a lingüística como ciência; o que é língua; a relação com a linguagem e a sociedade, mas há uma preocupação muito grande com a história da Lingüística, os problemas interativos de sala de aula; os desafios da educação; e as línguas indígenas.

Ressalte-se que a proposta foi muito boa, o que contribuirá de maneira significativa para novos estudos na área de lingüística e para repensarmos os nossos conceitos, para a pesquisa lingüística no Brasil e reconstruir a história de suas idéias.